

Editorial

A transição dos estudantes para o Ensino Superior contempla um conjunto de exigências e desafios acadêmicos e psicossociais que destacamos neste volume temático da Revista de Psicologia, Educação e Saúde ou Revista E-Psi. Estas exigências e desafios são sentidos de forma diferente pelos estudantes, fruto da interação entre as suas características pessoais e as especificidades dos seus cursos e instituições. Poderá mesmo vir a falar-se de perfis de estudantes mais e menos bem preparados para esses mesmos desafios, e de contextos de ensino superior mais e menos atentos e responsivos a essa preparação. Com frequência, as características de uns e de outros parecem desencontrar-se, assistindo-se, tal como atualmente se verifica, a uma percentagem significativa de estudantes que vivencia dificuldades na sua adaptação e que questiona o seu compromisso e persistência no Ensino Superior (ES). O problema não tinha a mesma expressão algumas décadas atrás, quando o ES era essencialmente frequentado por estudantes dos estratos socioculturais mais favorecidos e quando tais alunos tinham nas suas famílias modelos e recursos de informação e apoio que tinham eles mesmo experimentado os benefícios académicos, pessoais e sociais da frequência do ensino superior.

No momento presente, grupos mais alargados de estudantes, em número e diversidade, acedem ao ES, verificando-se uma grande heterogeneidade das características de acesso e, também, das suas motivações para a formação superior. Mesmo junto dos chamados alunos tradicionais, isto é, jovens que acedem ao ES na sequência normal da conclusão do Ensino Secundário e com idades entre os 17-20 anos, assistimos a uma grande diversidade de percursos académicos anteriores, de estatutos de identidade, expectativas e competências de estudo, entre outros. Esta diversidade não é, por norma, atendida por parte das Instituições de Ensino Superior (IES). Contudo, muito se tem discutido o impacto das características da instituição na adaptação dos seus estudantes, incluindo-se aqui fatores como a sua forma de organização, o clima institucional, a qualidade e acessibilidade aos seus recursos humanos e serviços, ou a estrutura curricular dos seus cursos. Neste sentido, o processo de adaptação ao ensino

superior, e de compromisso e permanência dos estudantes, define-se na interação contínua e dinâmica entre fatores pessoais e contextuais.

Frequentar e ter sucesso no ES ultrapassa a permanência e o êxito escolar, englobando componentes de desenvolvimento identitário e vocacional, de integração social, e de uma adesão, ou melhor, vinculação do estudante a normas e valores de um novo contexto acadêmico. A complexidade dos objetivos do ES amplia-se quando incorporamos o desenvolvimento psicossocial do estudante em tais objetivos ou quando falamos da formação destes estudantes para o emprego (ou empregabilidade) e compromisso com a sua formação contínua. Neste sentido, três grandes áreas de aprendizagem emergem e devem ser partilhadas na “missão” das IES: (i) os conteúdos técnicos e científicos associados ao curso frequentado, (ii) as dimensões da identidade e as tarefas de desenvolvimento que descrevem a passagem da adolescência à idade adulta, e (iii) as competências transversais que capacitam os alunos para o leque diverso de responsabilidades e de contextos em que vai ser socialmente chamado a intervir. Nesta linha, não podemos reduzir o sucesso formativo das IES e o sucesso académico dos estudantes à qualidade do currículo, à qualidade do ensino-aprendizagem ou ao sucesso traduzido nas classificações obtidas nas unidades curriculares.

Neste quadro mais abrangente dos objetivos do ensino superior, iniciamos este volume com um artigo (Artigo 1: SOFIA DE LURDES ROSAS DA SILVA, JOAQUIM ARMANDO GOMES FERREIRA, & ANTÓNIO GOMES FERREIRA) sobre o impacto dos ambientes e práticas académicas na aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial dos estudantes no ES. Este não tem sido o enfoque da investigação nacional e ao abrirmos este volume com este tema, queremos destacar a sua relevância e a necessidade de uma maior atenção por parte dos investigadores e das próprias IES. As políticas e as práticas, ou os valores e cultura institucional, influenciam de forma significativa o desenvolvimento de competências técnicas, cognitivas e psicossociais por parte dos estudantes, destacando-se neste artigo algumas variáveis que moderam tais processos e resultados. Em particular, são referenciados os ambientes institucionais apoiantes e próximos ao estudante, as práticas educativas que favorecem a qualidade da relação entre estudantes e serviços e professores, ou, ainda, um clima institucional que favorece a autonomia e o envolvimento do estudante na construção do seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento.

Para a qualidade das aprendizagens e do desenvolvimento psicológico muito podem contribuir serviços de apoio especializado existentes no *campus*, descrevendo-se

no segundo artigo deste volume os “serviços de psicologia escolar” (Artigo 2: CYNTHIA BISINOTO, & CLAISY MARINHO-ARAÚJO). De um papel tradicional centrado na superação das dificuldades de definição dos projetos vocacionais, de relacionamento com colegas e professores, de aprendizagem e de rendimento académico ou de assunção da autonomia na gestão das responsabilidades quotidianas, entre outras dificuldades vivenciadas por alguns subgrupos de estudantes, estes serviços orientam-se, hoje, por modelos de intervenção voltados para a prevenção e promoção do desenvolvimento psicológico, tendo não só o estudante como alvo, mas toda a comunidade e instituição académica.

Segue-se um conjunto de quatro artigos centrados na análise do impacto de um conjunto alargado de variáveis psicológicas e educacionais na aprendizagem e no sucesso académico dos estudantes. Assim, o terceiro artigo toma as abordagens ao estudo enquanto recurso cognitivo-motivacional no desenvolvimento académico (Artigo 3: SANDRA T. VALADAS, ALEXANDRA M. ARAÚJO, & LEANDRO S. ALMEIDA); o quarto artigo combina variáveis cognitivas, metacognitivas e de aprendizagem em modelos de análise mais complexos numa lógica de predição mais fiável do rendimento académico (Artigo 4: HUDSON F. GOLINO, & CRISTIANO MAURO A. GOMES); o quinto artigo tem a particularidade de tomar, como amostra, estudantes que se capacitam para serem futuros professores, analisando as suas estratégias de aprendizagem e a consciência que têm das mesmas e sua relevância (Artigo 5: JANETE APARECIDA DA SILVA MARINI, & EVELY BORUCHOVITCH) e, por último, o sexto artigo centra-se nas expectativas com que os alunos entram na Universidade (Artigo 6: MANUEL DEAÑO DEAÑO, SONIA ALFONSO GIL, ÁNGELES CONDE RODRÍGUEZ, MAR GARCÍA-SEÑORÁN, & FERNANDO TELLADO GONZÁLEZ).

Este volume termina com dois artigos centrados na análise da precisão e validade (interna e externa) de instrumentos de avaliação com estudantes do ensino superior. O sétimo artigo (Artigo 7: ALEXANDRA R. COSTA, ALEXANDRA M. ARAÚJO, & LEANDRO S. ALMEIDA) reporta-se a um inventário de avaliação do envolvimento (*engagement*) e o oitavo artigo descreve uma escala de avaliação das perceções académicas (expectativas) dos estudantes (Artigo 8: ALEXANDRA M. ARAÚJO, ALEXANDRA R. COSTA, & LEANDRO S. ALMEIDA).

Terminamos, destacando a combinação conseguida de textos reflexivos e empíricos neste volume. Por outro lado, os artigos que integram este número da **Revista E-Psi** têm, como autores, académicos de Portugal, Brasil e Espanha, o que denota um aproveitamento das respetivas proximidades geográficas e culturais. Finalmente, a maioria dos artigos reporta-se a estudantes do 1º ano. A investigação na área destaca ser

o grupo de estudantes que mais justifica uma atenção institucional e dos investigadores aos seus processos de adaptação e sucesso académico, aqui tomados em sentido lato.

Leandro S. Almeida
Universidade do Minho

Alexandra M. Araújo
Universidade do Minho

Joaquim Armando G. Ferreira
Universidade de Coimbra



Como citar: Almeida, L.S., Araújo, A.M., & Ferreira, J.A. (2014). Editorial. [Adaptação e Sucesso Académico no Ensino Superior], *Revista E-Psi*, 4(1), 1-4.